

'Nós fizemos uma campanha positiva'

Petista afirma que apresentou um projeto para o país e que nada escondeu da sociedade brasileira

ENTREVISTA

Lula

• O candidato do PT à Presidência afirma que um presidente deve dialogar com a oposição, mas avisa que não chamará Fernando Henrique Cardoso para conversar, se for eleito. Convicto de sua capacidade de reorganizar a economia brasileira, com um modelo que privilegia o crescimento da produção, Lula culpa a mídia por esconder dos brasileiros a real dimensão da crise econômica no mundo e apresentar seu principal adversário como o defensor de um país ameaçado.

• Em meio à campanha o país foi afetado por uma grave crise econômica mundial. De que forma essa crise pode influenciar no resultado da eleição?

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA: Se a mídia tivesse se preocupado em retratar a verdadeira dimensão da crise e os culpados por ela, Fernando Henrique não se elegeria nem deputado estadual. Ainda assim, a percepção popular da crise influenciou decisivamente o resultado das eleições. A disputa sobre a responsabilidade pela crise e o futuro do país após a crise tomou conta de grande parte dos debates. O modelo econômico escolhido, orientado e dirigido por

Fernando Henrique fragilizou o país para possíveis ataques. Creio que a massificação de dois aspectos, a apresentação, pela grande mídia, de uma campanha já resolvida eleitoralmente e de Fernando Henrique como defensor de um país ameaçado, desembocou nessa passividade a que assistimos neste processo eleitoral.

• Como o senhor qualificaria o comportamento de seu principal adversário nesta campanha?

LULA: Foi covarde em não aceitar debater comigo os grandes problemas do país. E o presidente foi covarde ao preferir esconder a verdadeira dimensão da crise e o impacto das medidas que vai ter que tomar para satisfazer os nossos credores internacionais. Esse comportamento principesco de meu adversário caracteriza não só sua personalidade política, mas o projeto social e econômico que ele representa.

• Como encara as críticas que seu principal adversário faz ao senhor e a seu partido?

LULA: Com absoluta naturalidade, porque representamos projetos diferentes para o futuro do país. Defendo uma inserção soberana do Brasil na ordem globalizada, um mercado interno forte para gerar uma acumulação pública e privada, que permita a libertação gradativa da dívida ex-

terna, e um projeto de participação direta da população nas grandes decisões públicas. Tudo isso respeitando a democracia representativa e a estabilidade constitucional. Meu principal adversário representa um projeto elitista, autoritário, de inserção subordinada na economia mundial.

• Cite uma qualidade que admira no seu principal adversário.

LULA: Não sei se se trata propriamente de uma qualidade, mas Fernando Henrique é extremamente hábil em deixar de assumir perante a população as responsabilidades que tem como presidente. Talvez pudéssemos chamar isso de cinismo ou cara-de-pau, não sei bem ao certo.

• E um defeito.

LULA: A vaidade.

• O senhor considera a legislação eleitoral satisfatória? O senhor é favorável a mudanças? Quais e por quê?

LULA: Sou favorável a mudanças na lei para punir duramente o uso do poder econômico e da máquina pública. Sou favorável ao financiamento público das campanhas, para evitar a vergonha que acontece hoje. Nós não podemos ficar mudando a legislação eleitoral todos os anos que tenham eleição, de maneira casuística, para prejudicar os candidatos da oposição.

• A participação dos chamados candidatos nanicos na campanha de TV foi boa ou prejudicou o processo de alguma maneira?

LULA: Precisamos de uma legislação que proíba as siglas de aluguel e que puna a utilização de espaço político para fins tipicamente "comerciais". As candidaturas nanicas não podem ser colocadas todas no mesmo patamar. Existem candidatos que, embora representem uma base social pequena, são sérios e têm responsabilidades mínimas assumidas.

• Hoje, às vésperas da eleição, se o senhor pudesse voltar no tempo, o que teria mudado na sua campanha?

LULA: Não sei o que teria mudado. Nas condições e circunstâncias em que a eleição está ocorrendo, nós fizemos uma campanha positiva. Apresentamos um projeto ao país, expusemos inteiramente nossa visão sobre a crise e falamos o que faremos, sem esconder nada da sociedade, quando chegarmos à Presidência.

• As pesquisas apontam a vitória de Fernando Henrique Cardoso e a derrota da frente de esquerda que apóia Luiz Inácio Lula da Silva. Confirmada essa tendência, o que o senhor acha que acontecerá com a frente de esquerda? Manterá a unidade e fará oposição coesa ao Governo?

LULA: Não vou responder a esta

pergunta porque entendo que disputarei o segundo turno. E a partir daí veremos quais os movimentos políticos que faremos para ampliar a nossa base social e derrotar o Governo.

• Se o senhor sair vitorioso, chamará seu principal adversário para conversar?

LULA: Um presidente tem que dialogar com as forças políticas que o sustentam e com a oposição. E eu, ao contrário do atual presidente, chamarei a oposição para que exerça seu papel e responsabilidades, mas não tenho nenhuma pretensão de chamar o indivíduo Fernando Henrique para discutir o futuro do país. Até porque ele já arruinou o Brasil suficientemente.

• O que o senhor acha que o brasileiro deve esperar de 1999?

LULA: Se a União do Povo vencer a eleição vamos fazer de 1999 o ano da redenção do futuro do país, de reorganização econômica com base num novo modelo que privilegia o crescimento da produção, para que possamos gerar os milhões de empregos de que tanto necessitamos.

AS MESMAS PERGUNTAS FORAM ENCAMINHADAS AO CANDIDATO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (PSDB), QUE NÃO AS RESPONDEU.